

MAXADO NORDESTINO

e o Cordel em Feira de Santana

Ensaio-depoimento e Gravuras:

Franklin Machado

Seleção e concepção:

Juraci Dórea



Franklin Machado é um ator-camaleão da cultura brasileira. Múltiplo nas suas artes e apar-tes no cotidiano da nação, como se lê no texto-depoimento a seguir e nas gravuras de cordel que ilustram este número de *Léngua & meia*; jornalista, poeta, cantador e contador de cordel, com mais de duzentos folhetos editados pelos descaminhos do Brasil. Bacharel em Direito e em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia, foi diretor do Museu Casa do Sertão (por ele idealizado) e do Museu Regional de Arte, de Feira de Santana.

No início dos anos setenta bombardeou a vida da cidade com peripécias e estripulias que o embarcaram no último pau-de-arara, com destino a São Paulo. Ao desapear, no centro da metrópole, ali mesmo, na Rua Augusta, levantou sua tenda de milagres. Viveu como poeta de cordel e artista popular durante os delirantes anos da ditadura, sem dispensar estrepitosas intervenções na política nacional, incluindo a candidatura à presidência da República das bananas e baionetas.

Como artista múltiplo, juntou ao nome civil do estudioso o nome de guerra que ganhou nas bandas do Sul: **Maxado Nordestino**. Nos seus quarenta anos de reinações e andanças pelo mundéu de Deus e do Diabo, o filho pródigo está fincado em Feira de Santana, semeando a terra e as artes. Louvado seja.

Cid Seixas

O cordel como voz na boca do sertão

Franklin Maxado

Quando o folheteiro ou o vendedor de romances chegava em uma feira livre semanal de povoado, vila, cidadezinha ou até cidade mesmo como Feira de Santana antes de 1977, chamava a atenção dos locais, principalmente dos lavradores e vaqueiros, isolados em suas roças, sem rádio, jornal ou televisão. Eles e a população interiorana tinham nessas feiras a oportunidade de saber notícias, se divertir e conversar com colegas e gente de fora.

A feira livre semanal de Feira de Santana, cidade localizada entre o Recôncavo litorâneo e o sertão das caatingas, foi mudada para um Centro de Abastecimento que funciona diariamente, mas que perdeu muito do seu encanto como atração dos tabaréus roceiros e de turistas, embora ainda continue sendo considerada como a “boca do sertão” porque todo o interior baiano desemboca nela antes de chegar à capital Salvador. Por isso, muitos também a consideram “o meio do mundo” pela posição geográfica entre o Norte e o Sul do país e entre o Leste do mar e o Oeste dos campos, ensejando a vinda de viajantes e forasteiros.

Nessas feiras livres, os folheteiros, como camelôs, chegam cedo. Primeiro, marcam o local de expor suas malas e, mais tarde, abre-as, atraindo uma roda de curiosos. Começam a mostrar as novidades em livretos de ocasião, geralmente exibidos dependurados em barbantes ou mesmo no chão, em cima de um jornal. Há folhetos sobre casos acontecidos que fogem do comum, como crimes bárbaros, ataques de cangaceiros, sermões de beatos etc.

Como a venda de folhetos mudou! Antigamente, o corriqueiro eram os romances de bravura, ou

trágicos, ou de amores difíceis, cheios de enredo de sacrifícios, lutas, perigos e obstáculos. No fim, o bem vencia o mal, reafirmando a moral da castidade, do companheirismo, da fidelidade e outros valores cristãos.

Quando eles começavam a cantar com o ritmo tradicional monocórdio e com a voz empostada, juntava mais gente para ouvir. Se o romance era triste, o folheteiro chegava a chorar, contaminando também a platéia. Até as mulheres casadas e moças, que ficavam de fora da roda dos homens, mandavam filhos ou meninos comprarem emocionadas com o suspense. Não caía bem ficarem misturadas aos homens e rapazes.

Se o romance era de bravura, o bom vendedor representava com gestos de luta, prendendo a atenção e despertando a curiosidade para o desfecho da estória. Era um verdadeiro artista treinado ou ensaiado. Chegava a um clímax ou a uma apoteose a ser explorada economicamente, criando o que se chamava de “animação”. E tudo isso “a palo seco”, isto é, com a própria voz sem companhia de instrumento musical.

“DANDO O TRANCA”

Criada essa expectativa ou conseguido esse clima de integração coletiva e inconsciente, o folheteiro, tendo uma psicologia nata, então olhava para a multidão, interrompia a leitura no auge, e fazia uma espécie de chantagem, anunciando que só iria continuar a ler após vender um certo número de folhetos.



Ou, quem quisesse que comprasse o folheto para ouvir o fim, deixando todos sequiosos, doidos mesmo, para verem o resultado. Aí, diz-se que se dá uma ruptura de estado de espírito. Muitos eram analfabetos e estavam ligados ou seduzidos, então compravam interessados no desfecho. Podia-se dizer que estavam enfeitiçados pelo enredo e artes do vendedor.

O público então, como ligado numa energia latente, explodia comprando reação em cadeia. Alguns vendedores tinham o chamado “janela”, pessoa cúmplice e experiente que se adiantava aos demais e comprava o folheto comentando que era uma boa estória e que já tinha ouvido ou lido em tal lugar antes. O povo, como carneiros, o seguia, metendo a mão no bolso e pedindo às vezes mais de um exemplar para levar para um vizinho ou mandar para um parente.

Era o chamado “tranco”. Este é uma parada estratégica quando todos ansiavam pela continuação do enredo ou para saber o seu final. E “animação” aí não é só sinônimo de alegria, mas o momento do climax onde a alma (ânima) coletiva está com uma energia concentrada num objetivo. Era como trancar a estória. Dependendo do interesse despertado e do número de páginas, o folheteiro poderia dar outra parada adiante, explorando um novo clima criado para outro “tranco”. Quando vendiam tudo, era o chamado “estouro”.

Muitos analfabetos compravam para alguém da família ou da vizinhança, que sabia ler, o fizesse geralmente numa sessão ao entardecer ou num dia de folga de trabalho. E muitos dessa assistência

foram seduzidos pelo prestígio da leitura, aprendendo a ler sozinhos com o chamado folheto de feira, principalmente os da modalidade de “abecê”.

FEIRA DE FEIRA NA SEGUNDA-FEIRA

Aragão, o Desmarcado é um folheto de Literatura de Cordel que era vendido secretamente nas feiras livres das décadas de 1950 e 1960, em Feira de Santana. Não continha o nome do autor. Na capa, apresentava um desenho de um homem com um pênis ereto e enorme cujos testículos, tal o tamanho, ele os carregava em um carrinho de mão. Era vendido escondido como os “catecismos”, ou sejam, revistinhas de desenhos eróticos com estórias pornográficas, a maioria de Carlos Zéfiro, pseudônimo de um artista que não queria ser identificado. Os folhetos eróticos ou de “putaria” constituem um tipo de Cordel entre outros, como os noticiosos ou até mesmo os de estórias infantis. Embora seja uma arte também, geralmente não trazem a autoria, por causa do preconceito. E, quando são assinados, utilizam-se pseudônimos como H. Romeu, H. Raminha, K. Gay Nawara etc.

Na feira livre de Feira de Santana, havia outros livretos de Cordel que, como o de “Aragão”, talvez fosse de autoria de um poeta local, ou a capa fosse um desenho do autor. Um exemplo foi folheto *João Desmarcado*. Ele é apógrifo, claro, temendo a censura e a repressão policial. O poeta Antonio Alves da Silva, que estava em plena atividade na década de 1950, não sabe informar quem é o autor desses fo-



lhetos eróticos ou pornográficos. Ele é um famoso poeta nascido em Mata de São João, mas residente em Feira de Santana desde rapaz, tendo passado uns tempos no Rio de Janeiro onde fez amizade com o grande poeta paraibano ali radicado, o Azulão.

Antonio Alves foi incentivado a escrever folhetos por Rodolfo Coelho Cavalcante. Revelou que, naquele tempo, muitos poetas jovens ainda não tinham nome e escreviam estórias que vendiam para outros colegas publicarem com seu próprio nome. A maioria dos poetas ou editores não tinha noção de autoria e achava que, procedendo assim, defendia a propriedade ou o bem que comprou e publicava. Daí, muitos estudiosos, como Sebastião Nunes Batista, filho do poeta paraibano Francisco das Chagas Batista, duvidarem de certas autorias assinadas por João Martins d'Athayde e por José Bernardo da Silva.

DIREITOS AUTORAIS & DE PROPRIEDADE

Os direitos autorais era pagos sempre com um certo número de folhetos os quais podiam ser de outros autores, a fim de que os poetas tivessem variedade de títulos para oferecer ao seu público. A defesa ou prova de autoria fez com que muitos autores se valessem de um expediente que consistia em escrever um acróstico no final do folheto como forma de identificação. Por isso, muitos editores, como João Martins d'Athayde e José Bernardo da Silva, tinham o costume de cortar a estrofe final

quando publicavam a estória. Também, *toravam* o nome do autor confundindo os pesquisadores sobre a paternidade da obra. Tais expedientes eram mais uma defesa da propriedade contra editores clandestinos.

Ainda, há casos de poetas escreverem uma versão de romance ou folhetos de sucesso como *O Pavão Misterioso* de José Camelo de Melo Rezende e o outro de João Melquíades sem considerarem plágio, uma vez que muitas estórias eram correntes na boca do povo, conseqüentemente pertencendo ao Folclore, à tradição ou ao domínio público. Outros versavam para o Cordel romances famosos como *O Conde de Monte Cristo*, *A Dama das Camélias* etc.

A noção de autoria nesse tempo não era absoluta. Importava mesmo era o trabalho de escrever a estória em versos. Daí a existência de várias versões. Houve o caso de um poeta famoso, o Francisco Salles Areda, ser acusado à boca pequena de plagiador por escrever o romance *João José e José João* como derivado do de Manoel d'Almeida Filho, *Dois Amigos Fieis*. Ambos os poetas são paraibanos e faleceram sem se falarem e sem atentarem para o fato de que a estória não era original de nenhum deles, pois estava no antigo livro do português Gonçalo Fernandes Trancoso, *Histórias de Trancoso*. As duas estórias, embora com enredos diferentes, ressaltam os ideais éticos e o valor da amizade e da gratidão, bem como a renúncia por motivos relevantes.

Havia poetas, como João Martins d'Athayde, que gostavam muito de ir ao cinema e, naturalmente, se inspiraram nesses filmes, quando não usaram fotos de artistas em suas estórias. Outros foram



José Soares e João José, em Recife. E ainda outro é o também pernambucano José Costa Leite que, além do cinema, gosta de utilizar revistas em quadrinhos. A sua produção tanto de tacos como de folhetos é vasta, e, assim, quando não está inspirado para desenhar, ele decalca figuras de revistas em quadrinhos para cortar em xilografuras a fim de ilustrar seus folhetos. Algumas testemunhas dizem que João Martins promovia encontros sabatinos com poetas em sua tipografia dando motes para serem glosados. Anotava alguns, talvez para depois usar ou se inspirar em suas estórias.

VERSÕES & “PLÁGIOS”

Antonio Alves da Silva me informou que vendeu muitos originais para a Editora Luzeiro, de São Paulo, que os publica em formato maior e com capas coloridas. Também escreveu outras versões para vender à Folheteria Santos, do Sr. Waldemar, no Pelourinho, de Salvador, cujas publicações imitavam aquelas da Luzeiro. Além disso, vendeu originais a Rodolfo Cavalcante, que editava muito. Às vezes, mudava apenas o título das novas versões. Antonio Alves da Silva é muito prolixo e gosta de escrever muito, preferindo temas de princeses, monstros e romances de 32 ou mais páginas.

A Editora Luzeiro começou sua história ainda no início do século XX, em São Paulo, quando imigrantes portugueses fundaram a familiar Typografia Souza Ltda, que publicava livretos com casos de Portugal. Depois, mudou o nome para Prelúdio, publicando letras de músicas e folhetos de Cordel já

brasileiros. Nessa fase, o poeta baiano Antonio Teodoro dos Santos muito trabalhou, escrevendo versões de folhetos clássicos, além dos de sua autoria. As gerações da família Souza a mantiveram durante o século, quando mudou o nome novamente. Falam que um dos motivos foram problemas com direitos autorais pela publicação dessas versões.

Já como Luzeiro, a editora teve no poeta Manoel d’Almeida Filho o seu maior consultor e publicado. Manuel, a pretexto de revisar a linguagem dos folhetos, alterava palavras mexendo no texto. A editora só publicava depois que ele desse o sim. Seu prestígio ali era tanto que a editora chegou a publicar sua foto em contracapa de livreto na década de 1980 com a legenda; “Manoel d’Almeida Filho, o maior poeta de Literatura de Cordel do mundo de todos os tempos”, o que a sua vaidade aceitava. O poeta Jota Barros (João Antonio de Barros) ofereceu o seu *Lampião e Maria Bonita no Paraíso*, já publicado pelo autor. O colega maior queria comprar a sua autoria achando que tinha de reformá-lo, o que Jota recusou. Levou tempos para sair mas acabou publicado com algumas emendas e com o título alterado para *Lampião e Maria Bonita Tentados por Satanás*. Tempos depois, Manoel d’Almeida Filho publicou outro inspirado no tema: *Encontro de Lampião e Adão no Paraíso*. Assim, talvez seja ele o poeta que mais escreveu versos de Cordel.

A Editora Luzeiro também explorava estórias e piadas picantes. Assim, sob o pseudônimo de Adam Fialho, ela publicou versões em Cordel de contos do *Decameron*, de Giovanni Bocaccio, como *A Moça que Meteu o Diabo no Inferno* e *A Amante do*



Anjo. Essas versões são atribuídas a d'Almeida Filho. A Luzeiro foi vendida no início deste século e está editando em tamanho tradicional, inclusive algumas estórias do baiano Marco Haurélio. Foi a sua reação como concorrente de uma nova editora, a Tupyranquim, surgida em Fortaleza, que tem publicado bastante mantendo o tamanho tradicional.

Outro bom poeta, incentivado por Rodolfo, foi o motorneiro de bonde em Salvador, Erotildes Miranda dos Santos. O seu primeiro folheto, *ABC da Dança*, foi comprado pelo mestre, que o aperfeiçoou e lançou com seu nome. Erotildes era de Candeal, depois veio morar em Feira de Santana e começou a escrever folhetos maliciosos como *A Palestra das Três Donzelas*, *O Encontro de Chico Tampa com Maria Tampada*, *O Namoro no Escuro* etc. Algumas das suas capas foram xilogravadas pelo alagoano Antonio Avelino de Sá, o Carimbeiro, que também morava em Feira.

Naqueles tempos pudicos, o também alagoano Rodolfo chegou a escrever folhetos pornográficos, que depois ele renegou, achando que sentiu fazer mal para a formação dos jovens. Foi ele quem mais publicou folhetos em número (mais de 2.000), especializando-se em biografias de homens célebres ou de figuras que lhes pagavam pelo folheto. Ele morava em Salvador e, às vezes, vinha a Feira vender ou se apresentar. Aqui, em diversas ocasiões se inspirou tendo em uma delas escrito “O Bicho que Está Aparecendo em Feira de Santana”.

Vado di Namite é outro poeta feirense que escreveu pouco. Mora no bairro do Tomba e um dos seus folhetos é justamente *O Bicho do Tomba*.

CORDEL ESCRACHADO

Cuíca de Santo Amaro (José Gomes) era outro poeta que sempre vinha à Feira de Santana naquele tempo. Na sua bibliografia constam *Os Criminosos de Feira* (sobre o caso de rapazes da sociedade que profanaram túmulos para apanhar caveiras e irem beber vinho de madrugada no meretrício), *A Mulher que Foi Pegada em Flagrante*, entre outros, com temas da cidade. As ilustrações das suas capas eram retratos, mas quase sempre figuras do grande desenhista popular baiano e socialista, Sinézio Alves, que residia em Salvador. Cuíca chamava a atenção, pois se vestia espalhafatosamente com um fraque roto e uma cartola velha. Levou fama de escrever pornografia porque era irreverente e malicioso. Hoje, se diz escrachado ou de esculhambação. Ou, de fuleragem, sendo este um misto de denúncia, escracho e ironia com emprego de palavras consideradas chulas, além de explorar empulhações ou situações maliciosas de duplo sentido. Ou, que fazia uma espécie de “imprensa marrom”.

O poeta pernambucano, radicado em Feira, João Ferreira da Silva também é dessa época. Entretanto, ele só escrevia folhetos de exemplos e conselhos morais, mesmo quando retratavam fatos acontecidos. Mais outro poeta que a cidade tem é o alfaiate J. Carlos, ainda vivo, e hoje funcionário público. Seus folhetos falam de coisas locais, embora com desmetrificações. Ainda outro é o Dilson Pereira Silva com uma pequena produção, sendo o seu mais conhecido “A Morte de Paturí”.



O poeta sonetista Pedro Apóstolo Filho, o idealizador da Academia Feirense de Letras, afirma que ouviu muito, no início do século XX, o cego José Afonso cantar repentes em Feira. A folclorista Hildegardes Vianna afirma que o cantador pernambucano Ricardo Laranjeira morou em Feira antes de 1950, e que foi o incentivador dos primeiros cantadores baianos. Depois, foi residir em Araci e vivia da profissão. O cantador repentista e violeiro Dadinho viera de Serrinha fazendo dupla com seu filho Caboquinho (José Crispim Ramos). Este último começou, em Feira, a publicar folhetos e recentemente formou-se em Advocacia, exercendo também essa atividade. João Crispim Ramos é filho de Dadinho também e em Feira iniciou a profissão de cantador de viola e poeta de folheto. Além de professor formado pela UEFS ele é mestre de Karatê. Joaquim Gouveia da Gama é um pernambucano há anos radicado em Feira que também publica folhetos.

Mais poetas que publicam Cordel em Feira são o sergipano Antonio Silva e Asa Filho como outros incentivados pelo editor Edson Machado, do Museu de Arte Contemporânea da Prefeitura Municipal. Edson, que é fotógrafo, começou esta outra atividade seduzido pela publicação de folhetos e de livretos, depois que lera o livro *O que é Literatura de Cordel?* deste autor, segundo revelou publicamente. Ele continua publicando, em edições feitas em computador, e muitos não são de Feira de Santana. Apenas, de encomenda.



XILOGRAVURA E SUA INFLUÊNCIA

Antigamente, estas publicações eram feitas por encomendas nas tipografias do jornal da “Folha do Norte”, na “Gráfica da Feira”, de Pedro Mascarenhas e na do poeta Martiniano Carneiro, entre outras menores da cidade. As ilustrações das capas eram feitas com clichês de desenhos (alguns do próprio Antonio Alves da Silva) e de fotos, além das xilogravuras de Antonio Carimbeiro e de Pacheco. Este último, segundo o jornalista Hugo Silva, era um pernambucano exímio na xilogravura e que chegou até a imitar dinheiro e rótulo de aguardente famosa com perfeição.

Nem a elite feirense e nem os professores liam folhetos de feira. Suas leituras eram jornais e revistas, além de livros até de autores franceses, pois achavam que a coisa do povo não tinha valor e era subliteratura. Ou, pornografia. Até as revistas em quadrinhos eram condenadas. O mercado do Cordel era para empregadas domésticas, motoristas, mecânicos, operários, roceiros, tabaréus, vaqueiros das fazendas de gado e outros populares. Estes liam e emprestavam aos colegas. Assim, os folhetos iam ficando desgastados agravados pela má qualidade do papel. Eram dobrados, tomavam sol, chuva, frio, calor, além de enebados pelo manuseio com mãos sujas. Estavam logo destruídos, pois seus leitores não tinham os cuidados e a preocupação para guardá-los. Por tudo isso, é difícil encontrar folhetos desse tempo para trás. A não ser reedições de folhetos e de romances que se tornaram clássicos.



O autor destas linhas leu e ouviu a leitura de folhetos porque os serviçais da sua família compravam. Recordo do *Estouro da Boiada*, de Antonio Alves da Silva que vendeu muito e fez sucesso porque retratava um fato verídico acontecido em Feira de Santana. Um boi fugiu do “Campo do Gado” e muitos vaqueiros correram atrás, tendo a rês vindo para os lados da Praça João Pedreira onde se realizava a feira livre. Todo mundo correu e o touro acabou matando dois a chifradas, sendo um na porta da Prefeitura. Foi “um dia de juízo” como costumavam dizer os feirenses diante de uma confusão daquelas.

Antonio Alves diz que o folheto é tão esgotado que nem ele ficou com o original. Recentemente, ele tentou recriá-lo e o publicou, mas não é igual ao anterior. Também afirma que destruiu ou queimou outros originais de folhetos antigos porque entrou para a “lei de crente”, na década de 70, e achava que não devia fazer mais aquilo e ainda mais mentir para o povo. Talvez, tenham-se salvado alguns exemplares quando na década de 1950 o professor francês da Universidade Sorbonne, Raymond Cantel, esteve em Feira, ciceroneado pelo folclorista Fernando Pinto de Queiroz, e o poeta lhe deu alguns exemplares que foram levados para a França. Voltou a publicar na década de 1990, incentivado pela repercussão da Literatura de Cordel nos meios estudantis e intelectuais. Publicou *A Segunda Vinda de Cristo à Terra*, no qual ele sempre cita o Evangelho nos rodapés de página. Depois, voltou a publicar normalmente, tendo a minha ajuda, a do pintor Juraci Dórea, a do editor Edson Machado, entre outros.

Juraci Dórea Falcão, cuja primeira exposição no Museu Regional de Arte nos anos 60 foi comentada por mim, em matéria assinada, quando militava no jornal *A Tarde*, depois se interessou mais, na década de 1970, pelo Cordel quando, voltando eu de uma viagem pelos estados nordestinos, lhe vendi uma coleção de folhetos e desenhei o Antonio Conselheiro de capa de um dos meus primeiros folhetos em seu atelier. A partir daí, sua pintura entrou noutra fase, com influência da xilogravura popular, coincidentemente após eu publicar pela Editora Cordel/Jornal Pasquim, do Rio de Janeiro, o livro *Cordel, Xilogravura e Ilustrações*, em 1982. Após regressar à Feira em 1990, pedi-lhe para ilustrar a capa do romance *A Chave do Coração Amante, ou Herculano e Sinbazinha*, que foi o primeiro Cordel ilustrado por ele.

OS “ABECÊS”

Feira de Santana, como maior feira livre do Brasil, naquela época, foi um mercado em potencial para a venda de Literatura de Cordel e também um centro de produção. Muitos folheteiros (vendedores de folhetos e que muitos vendiam declamado e cantando, como o lendário paraibano João Baraúna que fazia o público se abstrair do mundo real) tinham-na o seu roteiro. O velho poeta João Ferreira da Silva informou em entrevista à revista *Sitientibus*, que o maior folheteiro que ele viu trabalhar e cantar folhetos foi Jucas, em Pernambuco, sua terra natal. Entretanto, o que Feira tem de mais antológico no



ramo é o *Abc de Lucas da Feira*, de autoria atribuída ao meirinho (oficial de Justiça) Souza Velho, em 1849, quando o famoso marginal negro foi preso e enforcado em praça pública. Este abecê, que é sinônimo de Cordel na Bahia, vem de uma fase onde a maioria das pessoas era analfabeta e não existiam gráficas para imprimir. Assim, os autores escreviam em forma de cartilha e os manuscritos eram copiados pelos que sabiam ler e escrever. Este abecê é clássico no Folclore do Brasil. Jorge Amado transcreveu esse abecê no seu romance *Jubiabá*. Ele também diz que uma personalidade que é retratada num abecê dum poeta popular na Bahia fica célebre.

Grande número de poetas anônimos também escreveu abecês sobre acontecimentos locais e alguns circularam decorados e recitados por populares ou em cópias manuscritas. Um deles era o do meu avô, o fazendeiro Maninho Machado (Cel. João Sampaio Machado), o *ABC do boi rajado*, do qual seus filhos Enedina e Tito lembram fragmentos:

A 20 do mês de maio
Estava eu na malhada
Quando chegou Maninho e Plínio
Com as suas espingardas
Nisso eu ouvi Maninho dizer:
Jão Plínio, o boi é rajado!

Bem diziam meu senhor
Que eu mudasse de condição
Que ninguém queria saber
De um boi remetedor e ladrão

Cabeçudo e Jão do Rumo
Juraram de me pegar
Senti muito com esses homens
Eu não poder me encontrar
Adispois de minha morte
Eles terem o que contar.

Roça nunca me escapou
Por não ter o que roubar
Mas os vizinhos de longe
Sempre soube respeitar
Mas Tamburi, Inveja e Campas
Nunca deixei escapar

Setenta e quatro tiros
Cheguei a contar
Até que um tiro fatal
Viesse me acertar
Disparado por Maninho

Seo Tiburcio no Benfica
No Sobrado, seo Bernardo
Nas Campas, seu Izidro
No Tamburi, João Machado

O patrão sempre dizia
Que ia chamar um marchante
Para vir me comprar
Mas 150 mil reis
Não se apanha no chão
Para se dar num boi brabo
Remetedor e ladrão.



Só faltara eu dizer
O lugar onde fui nascido
Na Fazenda Tamburi,
Lugar muito conhecido
Do major João Machado,
Fazendeiro destemido.

Til é letra do fim

(Tia Enedina em agosto de 2002 me informou que só se lembrava desta estrofe):

Bem dizia meu patrão
Que eu deixasse de roubar
Porque haveria de chegar um dia
Que ele me vendia pra matar.

Como se pode notar, os temas de fazenda, bois, cavalos e roça eram bastante explorados em abecês, haja vista que a cidade de Feira de Santana e região foram colonizadas por fazendeiros, tropeiros, pastores, vaqueiros e lavradores, sendo comuns a vaquejada ou pegada de gado (ou ainda corrida de mourão), o amansamento de poldros bravos e os romances, como acentua o poeta e escritor Eurico Alves Boaventura.

Quando fui para São Paulo, em 1972, casado com a atriz negra Maria Helena, montei o espetáculo músico-teatral *Terra de Lucas*, no qual apresentava o *ABC de Lucas*, cantado por Dadinho e Caboquinho. Do espetáculo também participavam figuras populares como o sambista Antônio Moreira Júnior, a candomblezeira Mamãe Socorro, o mestre de Capo-

eira Muritiba, a dançarina Rosinha de Iansã, além da maioria dos atores teatrais da cidade. Remontei o “show” em São Paulo com o nome de *Escravo Lucas, o Cristo-Exu da Bahia*, no qual continuava a apresentar o *ABC de Lucas*.

Como jornalista, procurava reportar as coisas do povo e a cultura regional, mesmo em São Paulo. Tudo isso me influenciou, ajudando-me a encontrar um Nordeste maior em São Paulo, que não faz distinção entre pernambucanos, piauienses, sergipanos, cearenses, baianos, mineiros, potiguares, paraibanos, maranhenses e alagoanos. Tudo era “cabeça chata, paraíba, baiano, pau de arara ou cabra da peste”. E a saudade me fez procurar as raízes e a minha identidade cultural. Comecei a declamar como cordelista ao lado de poetas como J. Barros e os violeiros nordestinos do bairro do Brás. E mestre Rodolfo na Bahia me lançou em 1975 com a estória *O Paulista Virou Tatu Viajando pelo Metrô*:

A reportagem presente
Deste Metrô encantado
Quem me deu foi um baiano
Hoje um paulista inteirado
Além de ser jornalista
É um grande folclorista
Seu nome: Franklin Machado.





ESTOURO NO NORTE E NO SUL

O folheto estourou no Norte e no Sul. Comecei seriamente a pensar em me lançar como poeta profissional, pois andava vendendo como “alternativo”, ou “independente”, ou ainda “marginal” o meu livro de poemas “Protesto à Desnuman-Idade” pelas praças, bares, praias, ônibus, apresentações em saraus e recitais do Grupo Cacimba e nele tinha referência do Cordel sofrendo a paranóia da Censura Prévia no tempos do Regime Militar. Também o meu álbum, *Feira de Santana*. Vim passar férias em Feira e pensei muito em fazer Cordel. Publiquei logo três de vez: *A Feira de Feira Já Vai Sair do Meio da Rua*, *Profecias de Antonio Conselheiro (O Sertão Já Virou Mar)* e *Maria Quitéria, Heroína Baiana que Foi Homem*, em 1976:

Maria Quitéria é
Símbolo de feminismo
De luta pelos direitos
E pelo patriotismo.
Foi a maior heroína
Do Brasil e do civismo.

O motorista Jurivaldo Alves, que foi artista de circo, me comprou algumas centenas de exemplares e os vendia nas suas viagens pela região. Atualmente, aposentado, voltou a vender folhetos e este escrevendo com a ajuda da filha Patrícia.

Venderam muito aqui e em São Paulo onde virei Maxado Nordestino e Franklin Maxado com “xis”. O cordelista J. Aras foi um dos responsáveis

pela mudança do nome, aconselhando-me devido à soma dos arcanos. Resolvi botar temas sulistas no Cordel como *O Japonês que Ficou Roxo pela Mulata* e *O Sapó que Desgraça o Corinthians*, além de procurar recriar o Cordel antigo como em *A Volta do Pavão Misterioso*, *Artimanhas de Zé Catireba*, *O Aprendiz de Malazartes*, entre outros. Por ser um Cordel mais atualizado, procurei rever o conceito sobre o negro, o índio, o nordestino, o Cangaço, a Guerra de Canudos, o homossexual, o feminismo, a defesa do meio ambiente e outros preconceitos, comentando as primeiras greves chefiadas por Lula no ABC com *O que o Trabalhador Quer*, além de denúncias e reivindicações sociais.

A iniciativa seduziu um novo público de sulistas e de turistas, atraindo a atenção, chegando a apresentar, nos idos de 1980, um candidato à ABL-Academia Brasileira de Letras, o paraibano Raimundo Santa Helena. Mesmo não sendo eleito, o movimento motivou a concessão da “Medalha Machado de Assis”, a mais alta condecoração daquela Casa, ao poeta Rodolfo Coelho Cavalcante. Houve também em 1983, a “candidatura” a Presidente da República deste poeta cordelista Maxado Nordestino, que depois renunciou para apoiar Tancredo Neves, com a condição de que o político mineiro lutasse pelas Eleições Diretas. Tais fatos não passaram despercebidos e foram tema de comentários públicos de Carlos Drummond de Andrade, Orígenes Lessa, Jorge Amado, Ariano Suassuna, Jos Luyten, Antonio Amaury Correa de Araújo, Jaguar, Flávio Rangel, Timochenko Wehbi e de outros intelectuais sobre a importância da Literatura de Cordel.



Por várias razões, alguns poetas nordestinos desceram com suas malas para o Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Paraná, basicamente propagando o Cordel nessas regiões, cuja forte economia dita a moda no país. Os empregos na indústria do Sudeste e a construção da capital federal Brasília foram grandes motivações. Uns procuravam melhores oportunidades para vender folheto e ser publicado. Mas houve casos de poetas socialistas como Paulo Nunes Batista, José Vascurado e Rafael de Carvalho (também ator), que procuravam outros horizontes mais abertos. Uma vez o Cordel ali divulgado e vitorioso, surgiram outros nomes que se tornaram importantes. Tudo isso influenciou os demais Estados, elevando até a auto-estima de poetas nordestinos no Nordeste, quando muitos folcloristas teimavam em anunciar a sua morte.

Já houvera um fenômeno parecido, durante a saga da borracha, quando muitos nordestinos foram para a Amazônia, até a década de 1940, levando a cultura do forró, da cantoria de repentes e do Cordel. Em Belém houve até uma editora, a Guajarina, especializada na publicação de folhetos.

O COMPUTADOR

Outro fenômeno a ser notado é o uso do computador por parte de poetas jovens, tornando tarefa fácil o que antigamente era barreira para os iniciantes, os quais tinham de contratar uma edição de alta tiragem por problemas técnicos das tipografias ou gráficas. Assim, quanto menos tirassem, mais custoso

unitariamente ficava o folheto. Logo, só os poetas mais conhecidos e estabelecidos podiam encomendar uma grande tiragem e vender por preços populares mais baratos. Agora, não. O computador pode editar um, dois, cinquenta, cem, mil ou mais cópias, e o autor poderá testar se elas são vendáveis. Caso consiga vender bem, volta a tirar outro tanto na proporção da procura, sem encarecer o custo, podendo enfrentar a concorrência com os colegas mais famosos. A dificuldade de se viver de Literatura de Cordel e a exigência inconsciente do público, bem como a adaptação às regras, obrigam a uma seleção natural para esses poetas, no futuro. Se o computador facilitou as tiragens, a profusão de títulos dificulta a venda. Tudo tem suas vantagens e desvantagens.

Foi também em São Paulo que comecei a fazer xilogravuras. A primeira encomenda foi feita pelo poeta cordelista Zacarias José para o Sindicato da Construção Civil, a fim de ser capa do folheto sobre prevenção de acidentes. A ferramenta me foi emprestada pelo artista baiano Chico Diabo, com o qual entrei no Projeto Etsedron, de Edson da Luz, na Bienal Internacional de Arte, em 1975. Vendi cópias na Praça da República, na capital paulista, ao lado de outros grandes xilógrafos nordestinos, como o Jerônimo e o J. Barros. Já tinha experiência em trabalhos com madeira, pois sempre ia à grande Serraria Eco, do meu tio Osvaldo Boaventura, com meu primo Carlos. Lembrava também das aulas de trabalhos manuais com a profa. Judite Pedra e das visitas à tipografia da *Folha do Norte*, em Feira.



Quando voltei à Bahia, fui contratado, no Governo João Durval Carneiro, a convite do Secretário Edivaldo M. Boaventura, para trabalhar na TV Educativa. Ali inovei, fazendo comentários de notícias em Cordel, chegando a ter um programa ao vivo, quando participantes-cidadãos reclamavam ou denunciavam, ou mesmo elogiavam, usando a “pretensa abertura política”. Mas o programa “Participação” não demorou muito e saiu do ar em 1989.

Voltei para Feira, para dirigir os Museus da UEFS (O Museu Regional de Arte e o Museu Casa do Sertão, este último eu o havia idealizado em 1977, mesmo ainda quando morava em São Paulo). Fui convidado pela então Reitora Yara Maria Cunha Pires. Pelo trabalho desenvolvido, fui mantido pelos seus sucessores, Prof. Josué da Silva Melo e Profa. Anaci Bispo Paim. Em 1998 o Museu Casa do Sertão lançou o concurso de Literatura de Cordel sobre Lampião, havendo a participação de poetas consagrados de todo o Brasil. Assim, a UEFS, entre outras universidades, reconhecia o valor do Cordel e deste tema nordestino que muito mexe com a imaginação dos seus filhos.

Continuo escrevendo e estudando Cordel, embora como amador, já tendo publicado mais de 200 títulos. Considero que o Cordel é a raiz da literatura luso-brasileira. E que a poesia é única, tendo as divisões apenas um efeito didático. Quanto à forma, muitos poetas novos tentam inovar na métrica, rima e até temas, fugindo do tradicional, mesmo porque o público interiorano tem acesso fácil à televisão, xerox e até ao computador, para desespero dos colecionadores puristas.

As inovações são naturais. Os poetas clássicos gostavam de escrever “Marcos” como que fazendo ou criando um mundo imaginário que fosse difícil ser superado. Neles, culminavam os seus conhecimentos, sublimando temas, como Manoel Camilo escreveu em *Viagem a São Saruê*, Leandro Gomes de Barros em *O Marco Paraibano*. Dos mais recentes, há *Um Marco Feito a Maxado Nordestino*. Aliás, o seu autor também criou uma modalidade nova em Cordel que é o de “Entrevista”, uma clara influência do jornalismo. Nele, o entrevistado responde sem, às vezes, obedecer aos parâmetros tradicionais diferentemente do folheto de “Encontro” ou “Peleja” onde cada interlocutor fala ou pergunta dentro da métrica, rima e número de versos.

INFLAÇÃO GALOPANTE NOS GALOPES

Atualmente há uma inflação galopante, um verdadeiro estouro de folhetos novos nas praças. Há uma inflação de poetas jovens, pois qualquer estudante que fez uma oficina ou tomou aulas se aventura a publicar um folheto com seus versos agalopados. Alguns saem de pés quebrados, rimas cabulosas e temas sem enredo ou sem uma concatenação lógica, como também abordando assuntos fora do interesse popular. A esse “Cordel”, os especialistas já estão chamando de “estropiado” ou “esfarrapado”. Ora, o povo gosta de uma linguagem fácil, métrica certa, ordem direta, pois a tradição remonta à fase da oralidade em que desenvolveu inconscientemente o ouvido para o costume de



um ritmo. A compreensão se dá com histórias que tenham começo, meio e fim.

O momento é favorável à valorização do popular. Naturalmente a ascensão de um Presidente da República como Luis Inácio Lula da Silva, migrante nordestino, pobre e operário, possibilitou um clima favorável à divulgação das coisas populares e folclóricas no seio da classe média brasileira, fustigada psicológica e economicamente com o desemprego, as dificuldades de moradia, além de outros aspectos que a encaminham para buscar alternativas e modos de sobrevivência. A curiosidade aumenta para saber da comida da população, seus trajes, seus costumes, música, moradia, enfim, sua maneira de pensar, expressar, sentir, agir. E nisso entra a Literatura de Cordel.

Muitos pesquisadores acham que o computador também fez uma revolução no Cordel, inundando o mercado de folhetos e motivando a publicação de vários livros sobre essa atividade pelas editoras comerciais. Elas também conhecem as recentes recomendações do Ministério da Educação para que os professores de Língua Portuguesa abordem o tema em suas aulas, o que gera uma demanda pela teoria do Cordel. Na última Bienal do Livro, em Salvador, em 2005, pôde-se atestar isso, bem como a onda de folhetos publicados.

Na França há grande interesse. A editora Éditions Chandeigne lançou na última Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, uma edição experimental *Charlemagne, Lampião et Autres Bandits*, com várias histórias de Cordel brasileiras traduzidas e ilustradas profusamente. A mesma editora já planeja uma

antologia de autores, caso esgote essa edição. A França também foi pioneira na formação de professores especialistas em Literatura de Cordel, na década de 1950, com um curso de Pós-Graduação na Université de la Sorbonne, instituído pelo prof. Raymond Cantel. Esses mestres e doutores brasileiros depois voltaram à pesquisa e ao ensino em várias universidades do Brasil, motivando o desenvolvimento dos estudos.

Ainda, antologias de poetas consagrados, como Patativa do Assaré, Leandro Gomes de Barros e outros ainda vivos, estão sendo lançadas pela nova Editora Hedra, de São Paulo, as quais estão sendo distribuídas para todo o país. E, ainda mais, em São Paulo, a Companhia do Metrô instituiu um concurso nacional que todo ano premia poetas e mostra mais nomes entrantes no Cordel.

“COMO UMA ONDA”... NA TERRA

Atualmente, muitos “surfam” nessa onda. Até poetas “eruditos” ou de outras escolas estéticas estão experimentando a recente moda do Cordel, a exemplo de como já fizeram Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Ferreira Goulart, Hildegardes Vianna, José Carlos Capinan, Ildásio Tavares, Antonio Amaury Correa de Araújo, Marcos Accioly, Cid Seixas, Ruy Espinheira Filho e outros. A onda também está gerando aproveitadores que clonam romances antigos e folhetos clássicos, desrespeitando autorias e direitos de propriedade. Exploram a procura, promo-



vendo edições piratas, prática em que muitos estão se especializando, quer usando o computador ou a xerox.

Na capital da Bahia, há uma banca na Praça Cairu, administrada pelo repentista Paraíba da Viola, que os vende em detrimento de poetas de bancada locais. Esta banca foi criada na gestão do Prefeito Mário Kertz, por sugestão minha a pedido de intelectuais, como Carlos Cunha, para ajudar o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante e os seus colegas baianos associados da Ordem Brasileira de Poetas de Cordel.

No Ceará e em Pernambuco, há gráficas e folheterias que se dedicam somente a essa atividade de impressão e, conseqüentemente, apresentam preços mais baixos. Decorrente disso, a produção baiana não concorre com seus preços. Desse modo, a poesia de Cordel no Estado não tem um local para divulgar e vender sua produção, que fica limitada aleatoriamente a aparições e apresentações avulsas dos seus autores.

Em Feira de Santana, não há uma banca especializada no Mercado de Arte Popular, apesar daquele espaço ser nobre e destinado a fomentar o artesanato local com a sua comercialização. Aos concessionários, submetidos à lei de mercado e mal orientados, vendem o que querem em detrimento da produção regional, que não chegou ao estágio de ser semi-industrializada como muitas das peças oferecidas, oriundas de outros Estados.



GRAVAÇÃO DE CD'S

Outra fase dessa onda é a gravação de discos CD's. Todo cantador de viola, sofrível, bom ou ótimo, já tem o seu disquinho CD gravado, constituindo-se como cartão de visita e propaganda para uma apresentação, além de gerar uma renda mais garantida. Assim, é um novo lado da cantoria ou do Cordel. Alguns já têm até DVD's produzidos, o que acho bom, pois aproveita a tecnologia avançada para divulgar a cultura nacional.

Como cantoria gravada, o fato pode remontar à época da Ditadura Militar, quando órgãos repressores exigiram ler o roteiro do improvisado que se iria cantar. Assim, a cantoria deixaria de ser repente para ser decorada, ou o chamado “balaio” com o “repente” previamente censurado. Esse recurso do “balaio” é geralmente feito por “cantador” menor, que o público apologista e conhecedor condena e não prestigia. O cantador repentista no meio de uma peleja, ou num “pé de parede” renhido, pode no intervalo declamar algum poema ou cantar alguma canção, o que se denominou de “obra feita”. Aí e nessas condições é tolerada e até mesmo requisitada. Ou, chamar um declamador como Chico Pedroza, José Laurentino, Amazan, Maxado Nordestino.

Modernamente, o público ouvinte está podendo se manifestar nessas cantorias, pois cantadores como Caboquinho da Bahia usam um refrão final nas estrofes improvisadas que termina, por exemplo, “Coqueiro da Bahia, quero ver meu bem agora/ (assistência responde) Quer ir mais eu? vamos,/



quer ir mais eu? v'ambora! Comumente, o público só se manifestava pedindo mote, que é um verso ou dois metrificado para que os cantadores improvisassem terminando com o mesmo. Ou um tema, que, como o nome já diz, um assunto para ser discorrido com improviso.

Por falar em violeiro e repentista, a Bahia, mesmo estando geograficamente na região Nordeste, e tendo bons cantadores, é discriminada pelos demais Estados co-irmãos, numa espécie de defesa ou reserva de mercado, pois o preconceito tem sempre uma base econômica. O cantador Bule-Bule que o diga!

Antonio Ribeiro da Conceição, o conhecido Bule-Bule, é considerado o melhor cantador repentista da Bahia no momento, tendo já enfrentado grandes nomes por aqui. Entretanto, não é convidado para festivais no Ceará, Pernambuco e Paraíba, Estados onde se apresentam os maiores colegas. Naturalmente, para não abrir mercado ou reconhecer que a Bahia tem bons repentistas como Antonio Queiroz, Caboquinho, Nadinho de Riachão, Leandro Tranquilino, etc. Outro preconceito ainda existente na cantoria, embora seja velado, é o da negritude. Existe desde o século XVIII, na primeira peleja registrada pela História, aparece essa discriminação, pois o mulato Romano da Mãe d'Água desancava o seu contendor, o escravo Inácio da Catingueira, por ser negro. O desafio se deu na Serra do Teixeira, terra paraibana.

Assim, os famosos cantadores nordestinos acham que se bater em desafio com um colega negro os rebaixa. E se perderem o desafio, pior. Com isso,

Bule-Bule da Bahia perde muito, pois podia estar sempre se exercitando. Ele, que dança e sapateia bem e sabe muito dos folguedos populares, é obrigado a complementar a sua renda cantando samba, emboladas, lucutixo, chula, tiranas, e escrevendo folhetos de Cordel. E, também, aceitando ser funcionário público em Camaçari.

PALCO DO CORDEL BAIANO

Outro aspecto a considerar é o teatro baiano, que tem uma tradição desde João Augusto, Péricles e Orlando Senna de aproveitar textos populares de Cordel para encená-los com sucesso. Recentemente, o ator e professor Armindo Bião, atual diretor da Fundação Cultural do Estado, lançou o livro *Teatro de Cordel na Bahia e em Lisboa*, tendo o cordelista Antonio Vieira ilustrado o momento na VII Bienal do Livro de Salvador, em 2005. Vieira criou uma maneira bem baiana de cantar o folheto, acompanhando a si mesmo na viola, com ritmos variados, e não com a tradicional toada monocórdica. Deu a ele o nome de “Cordel Remoçado”.

A Fundação Cultural estabeleceu um Concurso Nacional de Literatura de Cordel e o último realizado, em 2004, revelou Osmar Machado Júnior, Varneci Santos do Nascimento e Aécio Alves de Feitas como ganhadores, embora eles não tivessem trabalhos publicados anteriormente. Muitos nomes estão surgindo, continuando a tradição de Cuíca de Santo Amaro, de Laurindo Gomes Maciel, de Rodolfo Coelho Cavalcante, de Permínio, de



Valeriano Félix dos Santos, de Minelvino Francisco da Silva, Antonio Teodoro dos Santos, Erotildes Miranda, Antonio Alves da Silva, José Aras (J. Sara) e de João Ferreira da Silva. São eles João Crispim Ramos (J. Ramos), José Olívio, Papada, Nelsi Lima Cruz, Ana Maria de Santana, Fuad Maron, Isaías Cavalcante (Ismoca), Carlos Joel, Maurílio de Mundo Novo, Asa Filho, Isabel de Tanquinho, Adolfo Cavalcante, Jotacê Freitas, Antonio Carlos de Oliveira Barreto, sendo que estes dois últimos fazem parte do jornal literário *Sopa* (Sociedade de Poetas e Amigos) que divulga a nova poesia baiana de qualquer estilo. O jornal tem como editor o jovem poeta paulista Gustavo Felicíssimo que, aqui na Bahia, está também treinando escrever Cordel, embora nada tenha lançado ainda. É o mesmo caso do feirense Ramiro que só declama, mas não publica. E mais os jovens João Augusto, Sérgio Silva e Gutemberg Santana (oriundos do CRIA), dentre outros. O ex-

periente Luis Campos inova publicando um Cordel virtual pela Internet. Ele reside em Salvador, embora haja outros fazendo o mesmo pelo Brasil.

Como editores, a Bahia possui Carlos Neves, em Conceição do Coité, e Edson Machado, em Feira de Santana, os quais modernizam a publicação com o uso de computador, máquinas “off-set” e xerox. Na parte de ilustrações de capas de folhetos, com as mortes de Sinézio Alves e de Minelvino, a Bahia ficou só com Jussandir Raimundo que, sem estímulo, parou de fazer xilogravuras. Só Franklin Maxado, voltando de São Paulo para Feira de Santana, comete alguma por encomenda. Agora, surgiram Gabriel Arcanjo, em Salvador, e Paulo Luz, destoando de outros Estados do Nordeste, cujo mercado dá condições aos seus ilustradores para viverem de suas obras.



Légua & Meia

LÉGUA & MEIA

Légua & Meia

LÉGUA & MEIA

Légua & Meia

LÉGUA & MEIA



O NORDESTE de F. MAXADO

em
Xilogravuras

Franklin Maxado

é um relativamente recém chegado à arte da xilogravura.
Começou em 1976,
fazendo gravuras sobre o tema "acidentes do trabalho"
para o Sindicato dos Trabalhadores
na Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo.
Logo passou a ilustrar as capas dos próprios folhetos
onde continua até hoje a produzir
gravuras interessantes e belas.

Mark J. Curran (1980)

Autor: MAXADO NORDESTINO
(Franklin Machado)

PROFECIAS DE CONSELHEIRO (O SERTÃO JÁ VIROU MAR)

Direitos de propriedade reservados legalmente



Preços especiais para revendedores de Cordel
3a. edição



250

Autor: Franklin MAXADO

COMO SER PUXA-SACO E VENCER NA VIDA ATUAL



Leia outros folhetos de CORDEL
de MAXADO, o poeta nordestino de
São Paulo.



Autor: Franklin MAXADO Nordestino

O QUE FALAM HOJE DO PADRE CÍCERO ROMÃO



Rua Augusta, 1524 - loja 36
Tel. 289-8725 São Paulo - SP.

Franklin (MAXADO NORDESTINO)

O CASAMENTO DA RAPOSA COM O CÃO



DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS LEGALMENTE



Autor: Franklin MAXADO NORDESTINO

O NORDESTINO NO SUL

Direitos de propriedade reservados legalmente



Leia as outras obras de MAXADO:

Preços especiais para revendedores e colecionadores

Rua Augusta, 1524 - loja 55

Tel. 289-8725 São Paulo - SP.

Autor: Franklin MAXADO Nordesteino

EU QUERO É SER MADAMO E CASAR COM FEMINISTA

Direitos de propriedade reservados



Autor: Franklin MAXADO

HORÓSCOPO DAS BICHAS

Direitos de propriedade reservados legalmente



Procurem outros folhetos de Cordel na:

Rua Augusta, 1524 - loja 55

Tel. 289-8725 São Paulo - SP.

2a. edição (revista)

Autor: Franklin MAXADO Nordesteino

O MUNDO VAI ESTOURAR DO JEITO EM QUE SE VIVE

Direitos de propriedade reservados legalmente



Esta e outra Literatura de Cordel podem ser encontradas

Rua Augusta, 1524 - loja 55

Tel. 289-8725 São Paulo - SP.





**M
A
X
A
D
O**



Literatura de Cordel n.º 1488
 Autores FRANKLIN MAXADO e RODOLFO CAVALCANTE
O encontro de Maxado Nordestino com Rodolfo Cavalcante

**O CORONEL
 DE SAIA**

